



O ROMANCE DA REVOLUÇÃO DAS LETRAS



A ORDEM ALFABÉTICA (TANTO FAZIA...)

Desde pequenas que ensinavam às letras a ordem alfabética. Quando elas perguntavam às letras grandes porque é que os às haviam de ser sempre os primeiros e os zês os últimos, e não outros (por exemplo, os pês os primeiros e os tês os últimos, ou os ésses ou os jotas, ou outros quaisquer), as letras grandes diziam-lhes que tanto fazia. Na verdade, tanto fazia; mas o facto é que os às é que eram sempre os primeiros e os zês sempre os últimos...





AS CONTAS DAS LETRAS

Mas havia mais: havia duas espécies de letras, as vogais por um lado, que eram só cinco, e as consoantes – a chamada «esmagadora maioria» – do outro lado. As privilegiadas eram as vogais. Na palavra privilegiado, por exemplo, (isto eram as contas que as letras faziam), só os is apareciam três vezes e o a uma e o e e o o também uma cada um; e embora a palavra privilegiado tivesse na sua Constituição seis vogais e outras seis consoantes, das vogais só ficava de fora o u (uma semivogal!), ao passo que das consoantes ficavam de fora ao todo 13!

E na palavra trabalhar já era o contrário; havia seis consoantes e só uma vogal, o a, que andava de uma sílaba para a outra para parecer que havia lá muitas vogais a trabalhar...





O SCRTRD

Enfim, a certa altura, com o auxílio dos amigos números, todas as letras começaram a fazer destas contas à vida delas.

As vogais podiam entrar em toda a parte, quer dizer, em todas as palavras, e até tinham palavras só para elas, e as consoantes não; algumas consoantes, praticamente, nem entravam em palavras nenhuma, como o xis ou o quê. (E com as palavras era o mesmo, porque havia palavras que nem sequer havia, como a palavra migolo ou a palavra lipa, e outras que só havia lá fora, como a palavra pouce ou as palavras Winston Churchill).

A televisão e os jornais começaram a fazer reportagens e a ouvir as queixas das letras. Ao mesmo tempo, as consoantes começaram-se a organizar, constituindo-se em scrtrd, que é um secretariado só constituído por consoantes.

Os jornais descobriram dramas terríveis em algumas frases. Numa frase havia um cê de cedilha e um dê muito amigos e

que não podiam encontrar-se para conversar senão às escondidas, porque se metia sempre uma vogal no meio deles, como, por exemplo, o i que se metia sempre no meio deles na palavra metediço. (Por causa do formato de pau do i e da pintinha de cabelo em cima e por se estar sempre a meter no meio tinham posto ao i a alcunha de «pau de cabeleira»!).

Aliás, as vogais tinham tanto medo das consoantes – que eram muitas mais – que só muito raramente as deixavam andar juntas e só às de mais confiança como o agá, que era meio vogal...





A REVOLUÇÃO DAS LETRAS

Até que um dia, o dono do alfabeto, que era quem escrevia com ele, reuniu os seus gramáticos e disse:

— Façam qualquer coisa senão as letras revoltam-se. Ainda fazem alguma cooperativa e começam a escrever sozinhas.

Mas por mais leis que os gramáticos fizessem nunca mais conseguiram meter as letras na ordem alfabética. E depois das letras revoltaram-se as palavras, e depois os livros, e depois as bibliotecas, e depois tudo.

